

A PANDEMIA NO QUILOMBO: O QUE ADOECE EM NOSSA ARTE-EDUCAÇÃO-AMBIENTAL?

Carlos Roberto Ferreira (SEDUC/MT) – robertoferreira.cultura@gmail.com
Adrianny de Arruda Abreu (SEDUC/MT) - adrianny.dptmatematica@gmail.com
Júnia Auxiliadora Santana (SEDUC/MT) - juniasantana@hotmail.com
GT 6 – EDUCAÇÃO AMBIENTAL, COMUNICAÇÃO E ARTE

Resumo

Famílias partilhadas, vidas ceifadas, natureza ambientalmente enferma; a educação comprometida pela ausência da tecnologia no acesso ao digital, no atravessamento das práticas pedagógicas da arte-educação-ambiental. São democracias sufocadas que nos cobram outras vozes, para superarmos a um momento sem audiência. Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a arte, a educação e o meio ambiente, em resistência no Quilombo, frente à Covid-19. O Quilombo está enfermo! Anuncia o patriarca da educação quilombola, Seo Antonio Mulato¹, denunciando, do outro lado da Pandemia que, a atmosfera social, com a enfermidade da Covid-19 afetou: a educação de crianças e adolescentes; o trabalho dos produtores na agricultura; dos educadores com o magistério e demais membros comunitários em seus labores domésticos. O surto pandêmico que bloqueou o imaginário quilombola, também lhes tirou o chão batido de terra de cupinzeiro, destruiu suas paredes de pau a pique e queimou seus telhados ancestrais, de palhas verdes de esperanças e de pertencimento patriota.

Palavras chave: Pandemia no Quilombo. Ausência de tecnologia na educação. Arte-educação-ambiental enferma.

1 Introdução

Acreditamos já ser passada, nesse momento, a necessidade de introduzirmos aqui, a história da Pandemia, sobre a Covid-19, ocorrendo em nosso país, estados e municípios. Ao longo de seus quase dois anos de surtos em vários países e regiões geográficas do mundo, a sociedade foi se adaptando às informações e ao acesso aos serviços públicos em geral. Mas também, resistindo, tanto para com a doença, quanto para as suas causas, as irreparáveis perdas, às tristezas provocadas pelo isolamento físico, sequelas e pelo estranhamento às maneiras de se proteger. Muito ainda precisamos saber e aprender sobre esse universo pandêmico, que tem assolado no todo: a sociedade frente à saúde; a educação sem o competente acesso ao digital; a vida profissional da população urbana e rural. Nesse sentido, a sociedade ainda carece de maiores informações em seu amplo universo, sobre a Covid-19, na

¹ Referência de resistência do povo quilombola, Antonio Benedito da Conceição, mais conhecido como Antonio Mulato, falecido em 15 de setembro de 2018, aos 113 anos, na cidade de Várzea Grande – MT. Teve 13 filhos, 40 netos, 20 bisnetos e 10 tataranetos.

construção de sensibilização às causas, por meio de campanhas educativas populares, que atenda a todas as necessidades de informações da população rural e urbana.

O presente artigo objetiva uma eminente reflexão para com a arte, a educação e com o meio ambiente, em resistência no Quilombo, frente à Covid-19, que consiga desaguar em práticas pedagógicas no tratado à arte-educação-ambiental, junto ao currículo quilombola e à vida cotidiana da Comunidade. Ainda, que amenize as mazelas provocadas na educação, na agricultura, na vida sociocultural e na saúde de todo o grupo social quilombola, lhes devolvendo a sensível alegria de viver e estar bem e com saúde para o trabalho e para a vida cotidiana entre as suas famílias.

Trataremos à frente, de construir reflexões sobre a Pandemia no Quilombo, no enfrentamento à Covid-19. Um repensar diante dos significativos desgastes à sociedade quilombola, em suas práticas de produção na agricultura, nos seus labores domésticos e, sobretudo, na saúde de uma população com um contingente expressivo de pessoas com idade acima de 60 anos.

A ausência da tecnologia no acesso ao digital é outro enfrentamento sociocultural e educacional, dada a realidade de localização geográfica da Escola Estadual Quilombola Professora Tereza Conceição de Arruda. Esta, situada na zona rural, na rodovia MT 060, que liga a cidade de Várzea Grande - MT a cidade de Poconé - MT, está a 14 km, depois da cidade sede, Nossa Senhora de Livramento - MT.

A enfermidade que hora presenciamos na arte-educação-ambiental nos conclama a refletir sobre as também debilidades presentes na política educacional do Estado, frente ao enfrentamento à Covid-19. Esta, desamparada de pressupostos pedagógicos, metodológicos e sociopolíticos, ainda não conseguiu atender, a contento, as Escolas localizadas nas regiões urbanas, menos ainda, na zona rural. Tal preocupação reflete nas Escolas, estudantes e suas respectivas famílias, em tempo, amparo e apoio quantitativo e qualitativo, provocando determinada fragilidade na educação e afetando a aprendizagem. Adiante dessa expressiva situação junto aos educandos, encontramos os desgastes sobrepostos aos professores, ao se desdobrarem em suas atividades profissionais, no cotidiano pandêmico.

Para atender, metodologicamente, a este trabalho, recorreremos à Pedagogia da Escuta² (PRADO; MIGUEL, 2013). Uma necessidade relativa ao momento pandêmico, por não ser ética a frequência à Escola e residências de pessoas da Comunidade Quilombola. Assim, utilizamos o recurso tecnológico de mensagens produzidas por áudios, via whatsapp, para dialogar com duas professoras da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, da Comunidade Mata Cavalo.

E para ampliar um pouco mais as potencialidades desse trabalho quanto à arte-educação-ambiental, a arte-educação e seus pressupostos filosóficos, se fizeram necessárias contribuições saudáveis junto à arte, a aprendizagem, a tecnologia e seu ambiente digital. Outras temáticas afins corroboram para melhor entendermos o grau, nível e volume das enfermidades junto à arte-educação-ambiental, que também tem assolado de debilidades o território da Comunidade Quilombola e todos os grupos sociais ali residentes.

2 Pandemia no quilombo e o enfrentamento à Covid-19

A Comunidade de que tratamos compreende o Complexo Sesmaria Boa Vida Quilombo Mata Cavalo, constituída de seis (06) comunidades interligadas, territorialmente, que são: Aguaçu; Ponte da Estiva; Mutuca; Capim Verde; Mata Cavalo de Baixo e Mata Cavalo de Cima (NEEPES; ENSP; FIOCRUZ, 2010). Nesse território, vivem aproximadamente, 500 famílias. Segundo dados do Programa Saúde da Família (2015), a comunidade é composta por 174 famílias, totalizando 458 pessoas classificadas nas seguintes faixas etárias: 84 pessoas com idade superior a 60 anos, 253 adultos entre 19 e 59 anos e 121 crianças e adolescentes até 18 anos.

Estamos falando de uma comunidade produtora cultural em seus múltiplos sentidos: na agricultura familiar de riqueza diversa; na manufatura de variados artesanatos; na culinária de doces em compotas; licores artesanais; ervas medicinal, entre outros elementos da produção agrícola e cultural, que compõem o cardápio de subsistência da economia local. Da produção agrícola e da manufatura doméstica saem a mandioca e a farinha, o melado e a rapadura da cana de açúcar, banana da terra, milho, o peixe de cativeiro, galinha, ovos, carne suína,

² Criada por Loris Malaguzzi (1920 - 1994), na Itália, após o fim da Segunda Guerra Mundial é reconhecida, mundialmente, no patamar de excelência, após a sua implantação na cidade de Reggio Emilia, norte da Itália (PRADO; MIGUEL, 2013, p. 3).

diversos legumes e verduras, bem como, variados frutos do cerrado. Contudo, toda essa produção, em face ao enfrentamento à Covid-19, sofreu grande depreciação em seu sentido quantitativo e qualitativo. A necessidade de se resguardarem em suas residências, atendendo aos cuidados de biosegurança, distantes da aglomeração, acabou por se afastarem temporariamente da lavoura, reduzindo assim, o seu tempo no trabalho na agricultura e, conseqüentemente, prejudicando o quantitativo da sua produção na agricultura familiar. Mas esses fatores, não são os únicos a delatarem tal responsabilidade frente à pandemia Covid-19. Em Settele (2020), temos uma afirmação que nos abre reflexões, de que:

Há uma única espécie responsável pela pandemia Covid-19: nós. Assim como com as crises climáticas e o declínio da biodiversidade, as pandemias recentes são uma consequência direta da atividade humana – particularmente de nosso sistema financeiro e econômico global baseado num paradigma limitado, que preza o crescimento econômico a qualquer custo (SETTELE, et al, 2020, n.p).

Para que os direitos de acesso aos bens e serviços à saúde, da população quilombola em Mato Grosso, frente à Covid-19, não fossem violados, a Coordenação Estadual de Comunidades Quilombolas de Mato Grosso (CONAQ-MT), entreviui. Emitiu uma nota pedindo a intervenção da Secretaria Estadual de Saúde, do Ministério Público Estadual e do Ministério Público Federal, junto ao estado e municípios, para que os quilombolas fossem inseridos nos grupos prioritários da vacinação, contra a Covid-19, no estado (G1 MT, 2021). Segundo a CONAQ-MT (2021), não existe nas notificações oficiais de Covid-19, em Mato Grosso, nenhum campo e ou preocupação em identificar o paciente quilombola. Esse descuido, por parte da Secretaria de Estado de Saúde de Mato Grosso (SES-MT), em não identificar a população quilombola como prioritária, dificultou o acesso desta à vacinação, o que pode ter sido responsável por gerar óbitos de, aproximadamente, 12 pessoas e de 148 infectados em Mato Grosso. Destes, 04 pessoas faleceram na Comunidade Mata Cavallo e, aproximadamente, 18 foram infectados, mas fora de perigo.

Não há dúvidas de que o distanciamento físico e tecnológico da Comunidade Mata Cavallo, aos postos de vacinação, foi preponderante ao agravamento da enfermidade no quilombo. Mesmo o mais próximo, em Nossa Senhora de Livramento – MT fica, aproximadamente, a 14 km, da comunidade. Por ser uma comunidade desprovida de veículos em quantidade para o transporte da população, esta sempre fica a espera da atenção da política municipal da Prefeitura de Nossa Senhora de Livramento. Porém, consideramos que a maior distância e respectivo agravo se encontram na ausência de uma política pública com a

governança aos povos e comunidades tradicionais, que lhes assegurem de direitos democráticos.

Compreendemos que, dessa população, fazem parte três grupos de maior prioridade: as idosas e idosos acima de 60 anos; os profissionais da educação e, sobretudo, o grupo de mulheres, o mais vulnerável. Este último trata-se de um grupo com superior envolvimento e intrínseca relação às tarefas domésticas. O cuidado com a limpeza da casa, a higiene pessoal, o preparo da alimentação familiar, a atenção especial dispensada às crianças, a lavagem de roupas e vasilhas e, ainda, o transporte da água para o abastecimento da vida doméstica. A esta tarefa, em todo o período do ano, sempre foi dada grande atenção, pela escassez desse líquido tão precioso em suas vidas, no interior da comunidade. Portanto, identificamos o grupo de mulheres, intra quilombo, como sendo aquele em maior situação de vulnerabilidade social, frente à Covid-19. Nesse sentido, pertinente compreendermos a complexidade de fatores socioculturais e políticos, frente ao enfrentamento à Covid-19, quando se trata de uma comunidade quilombola. “Destacam-se os efeitos da pandemia relativos ao trabalho informal, à incerteza de acesso à renda e às políticas públicas, entre outros, e como eles incidirão mais drasticamente na população pobre e extremamente pobre” (SCHAPPO, 2021, p. 31).

Os agravos, infelizmente, não param por aqui. Eles perturbam a ordem comunitária quilombola na dimensão social e política, provocando significativa desordem junto à educação formal e informal, presente no quilombo. Embora com determinada variação quantitativa, tal desordem resvala no universo qualitativo, denunciando fragilidades que se estendem do universo das ações de uma prática cotidiana, ao contingente teórico e de aprendizagem em sala de aula. Com isso, sensibilizam professores e professoras; estudantes e familiares, colocando enfim, toda a comunidade a prestar maior atenção aos postulados da educação, que geram debilidades no ensino. Nesse enfrentamento, perde-se a sua relação prazerosa com o cotidiano sociocultural em seus diversos devires cotidianos. São esses fazeres e labores presentes na cotidianidade dos diversos agentes socioculturais e políticos do quilombo, que também podem contribuir ainda mais, na fragilidade de toda a Comunidade, no enfrentamento da Covid-19 e, sobretudo, pela ausência de informações seguras.

Doenças como a COVID-19 são causadas por microorganismos que infectam nossos corpos - com mais de 70% de todas as doenças emergentes que afetam as pessoas tendo origem na vida selvagem e em animais domésticos. As pandemias, entretanto, são causadas por atividades que colocam um número cada vez maior de pessoas em contato direto e freqüentemente entram em conflito com os animais que carregam esses patógenos (SETTELE, et al, 2020, n.p).

Para tanto, é esta mesma Comunidade Quilombola que, além de enfrentar a pandemia do Coronavírus, a Covid-19, precisa resistir frente a tantas ameaças num território hostil, pois ali, na presença da extrema seca no cerrado, do desmatamento pela prática desordenada do fogo pelos fazendeiros vizinhos e o desamparo às políticas públicas, tudo se fragiliza. Tudo é sempre muito pouco diante do que necessitam para outros enfrentamentos à vida cotidiana. A terra desertificada, animais ameaçados pela fome, produção alimentar escassa, a ausência de água nos córregos e minadouros, entre tantas outras debilidade e perdas na vida cotidiana, fazem parte de seus conflitos. A ausência desses elementos fragiliza sua cultura social, política, econômica, de saúde e na educação, como também desgasta a força humana e a vida de toda a comunidade. Os mesmos que enfrentam a Covid-19, também estão na resistência ao enfrentamento das mazelas sociocultural e política do território quilombola. Ainda, são eles, os mesmos que escrevem suas histórias, nas páginas de seus cadernos cotidianos do imaginário quilombola, revelando uma opulenta, e ao mesmo tempo fragilizada, educação popular.

3 Educação: a ausência da tecnologia no acesso ao digital

Não foi somente o surto pandêmico da Covid-19 a nos pegar de surpresa, no começo do ano de 2020. Tivemos acesso às informações da Pandemia do Coronavírus, via os diversos meios tecnológicos, pela mídia local, em geral. Esta mídia, enquanto elemento intrínseco à tecnologia digital, já se fazia presente em nosso cotidiano doméstico, no trabalho, na escola, na vida, respeitada as devidas proporções de acesso, da população quilombola, ao ambiente digital. Na educação e respectivas instituições de ensino, a tecnologia computadorizada e o acesso ao digital, foi sendo inserida, a passos lentos. Somado a essa realidade, a sensível rejeição corporal à “novidade”, por parte dos diversos grupos profissionais, envolvidos com a educação, foi imediata. Portanto, “o que parece interessar é principalmente como funciona a máquina, gerando relações de consumo em que o indivíduo é dominado pela dinâmica instrumental” (BARBOSA, 2008, p. 110). Então, educadores já convencidos de uma prática pedagógica “analógica”, foram pegos de surpresa, num momento em que a instituição de ensino cobrava-lhes, tão somente, a prática do diário eletrônico. Quando se acharam forçados a se inserirem numa realidade pontual, a tecnologia do mundo contemporâneo que, estava se adequando lentamente e parcialmente à prática educativa do diário eletrônico, eis que o surto

pandêmico, da Covid-19, chega avassalador, mudando tal prática. Chegou cobrando aulas 100% on-line. Comprendemos que isso se deu muito tarde, no final da primeira década do século XXI. Como exemplo, a arte produzida em ambiente digital já nos agraciava desde o final do século anterior e, mesmo assim, muito ainda se presencia de preconceito quanto à arte-educação, nas instituições de educação, no Brasil, pelo acesso ao digital. Enfim, nem mesmo a tela iluminada do computador, atingiu, sensorialmente, os profissionais da educação, e mais, não os conseguiu iluminar de inspirações pedagógicas. Ou então, não foram estes profissionais, sensíveis e abertos às transformações tecnológicas contemporâneas. Assim, adentramos a este século, devendo tarefas velhas, do final do século anterior, que ficaram a dever lições de uma possível “alfabetização artístico-estética” (LOPES, 1993), praticada pelo acesso ao ambiente digital. “Saber ver e avaliar a qualidade do que se passa na tela iluminada do computador é ser crítico e atual” (BARBOSA, 2008, p. 110).

Aos poucos as escolas públicas urbanas do Estado de Mato Grosso foram sendo aparelhadas com as máquinas computadorizadas a desvendar a internet que tanto sonhavam professores, alunos e os chamados, gestores públicos da educação institucionalizada. Laboratórios foram sendo instalados massivamente em salas específicas, que contavam com técnicos contratados para prestarem os serviços de acompanhamento, agendamento e orientação. No entanto, esqueceram de construir uma política pública de educação específica, que, naturalmente, pudesse ser inserida ao gosto e gesto pedagógico e metodológico nas salas de aulas, destinada aos profissionais da educação. Uma política tratada no curso da educação ambiental digital, cujo diálogo entre professores e alunos, revelasse, intrinsecamente, o aparelhamento tecnológico e o humano, de mãos dadas, unidos pelo sensorial, pelo perceber, pelo sentir. E mais, onde todos: a instituição de educação; os profissionais desta e seus parceiros dialogantes - os alunos – se unissem a favor de uma educação transformadora, contrariando os embates institucionalizados e hegemônicos, que ora presenciamos. Há algumas décadas, “a tecnologia vem sendo comemorada como a grande revolução de nosso tempo, contudo tem sido estudada quase somente como princípio operacional” (BARBOSA, 2008, p. 110).

Na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, não tem sido diferente, sobretudo, neste período pandêmico que ora enfrentamos. A prática da educação, pelo acesso ao digital, não acontece em função da ausência de um laboratório de informática, com a tecnologia digital a serviço, disponibilidade e ao acesso de professores e alunos. O cenário de

conflitos instalado na Escola e Comunidade Quilombola, em detrimento da ausência de aparelhamento tecnológico, para o acesso digital à educação, por parte dos alunos, é extremo, como podemos ver em depoimento de uma professora da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda:

Professor 1

O que a Escola recebeu da SEDUC, foi o material para a biosegurança: álcool em gel, máscaras e as respectivas orientações. Foi disponibilizado para os professores, o valor de R\$ 3.500,00 para a aquisição de um notebook. No entanto, não conseguimos encontrar aparelho de qualidade nesse valor, sempre bem mais caros.

Para os alunos, nada foi disponibilizado em especial neste momento. A Escola não tem laboratório de Informática, o que dificulta o trabalho dos professores, dos alunos e suas famílias no acompanhamento das atividades de seus filhos. Quando eu disponibilizo um vídeo com orientação de uma atividade pedagógica, os poucos alunos que possuem o aparelho de celular, não conseguem baixar o vídeo, pela ausência de internet de qualidade em suas residências. Muitos deles, não possuem o aparelho de celular; usam de seus pais e parentes. Aqueles que não possuem o aparelho, não fazem as atividades, tendo prejuízo no acesso ao conhecimento, pela ausência também do acesso ao ambiente digital.

Acreditamos que a ausência da tecnologia no acesso ao digital, junto à educação, há muito tem provocado grandes lacunas: entre a educação e as respectivas práticas pedagógicas; entre a escola e a comunidade familiar; entre professores e alunos; entre conhecimento e aprendizagem / teoria e prática; entre a função social da escola e a sua tarefa primeira: de contribuir para a vida social, na formação profissional e crítica do cidadão enquanto sujeito do seu processo (LBD, 1996).

Sem a presença e direito de acesso às condições tecnológicas, por parte dos alunos, de suas famílias e dos profissionais da educação, no acesso ao digital, não há como garantir uma educação promotora da real transformação social e crítica à vida humana. Assim pensando, entendemos que estamos distantes do pensamento de Ana Mae Barbosa (2008). “A tecnologia não apenas transformou as práticas cotidianas, mas também os modos de produção intelectual e diluiu os limites entre compreensão e certeza” (BARBOSA, 2008, p. 111).

Considerando o acima exposto, competente à educação e às suas respectivas tecnologias no acesso ao digital, preponderante compreender que, a ausência desse conjunto de elementos, não só tem o poder e a dimensão cultural de reduzir as distâncias entre compreensão e certeza, bem como a de aproximar a sociedade aos códigos de linguagem de cada área do

conhecimento, na contemporaneidade. Ainda, inteligente acercarmos do universo criador tecnológico em potencial, capaz de ampliar a imaginação e o mundo imaginário do estudante/pesquisador. Trata-se de uma dimensão correlata ao exercício da arte, da educação e do mundo ambiental, quando da nossa aproximação a essas áreas do conhecimento, por meio do acesso ao complexo mundo digital. Assim, teremos uma arte-educação-ambiental com a saúde em tempo e espaço, a contribuir com a formação de sujeitos sociais críticos, também saudáveis, intelectualmente.

4 Por uma arte-educação-ambiental enferma

Quando o surto pandêmico da Covid-19 nos pegou de surpresa, trazendo uma enfermidade avassaladora com óbitos, pânico social e econômico, a opressão cultural, artística e política, entre outras tantas mazelas na dimensão humana, o universo ambiental da vida selvagem que já estava enfermo, recebeu um contingente de depreciações ambientais, irreparáveis. A humanidade se viu presenciando um total desequilíbrio socioambiental, o esfacelamento da harmonia social, o que afetou a convivência entre os seres, com um interminável black-out. Sem a devida luz sociopolítica na saúde a nos alentar nesse momento pandêmico, a humanidade se viu também sem a sua luz própria, que outrora adentrava as suas residências, cidades e estados com os raios da imunidade humana, clareando a sua visão, para enxergar à frente, dias de esperança. Simbolicamente, a esperança mudou de cor! Como não se trata de uma representação cênica, o black-out parece oculto nas atividades da vida humana, mas é real diante de tantas fragilidades que impedem os seres humanos na suas ações potenciais. Ele está no subtexto da pandemia social, política e econômica. Tudo na vida dos seres humanos e não humanos está escuro. Estamos num eterno black-out para com o “Bem Viver – oportunidade para construir outros mundos, um mundo diferente, que não será alcançado apenas com discursos estridentes, incoerentes com a prática” (2016, p.21), como nos sinaliza Alberto Acosta ao escrever sobre a Terra, que conta com espírito e inteligência próprios, dos quais, os seres humanos e não humanos ficaram órfãos.

Para nossos irmãos indígenas do Xingu, o mundo é povoado por muitas espécies de seres, não somente dos reinos animal e vegetal, mas também os minerais, a água, o ar e a própria Terra, que contam com espírito e inteligência próprios [...]. Todos esses seres são dotados de consciência, e cada espécie vê a si mesma, e às outras espécies, a partir de sua perspectiva (ACOSTA, 2016, p. 15).

Desta feita, acreditamos estar a humanidade, neste momento pandêmico, ausente da perspectiva de que trata Acosta (2016), sem a consciência devida para enxergar a si mesma e às outras espécies. Assim, continuamos enfermos pelas causas de tantas outras “pandemias”, uma vez que, se a vida no planeta está comprometida, o mesmo está acontecendo com a sobrevivência da espécie humana que, “para a sua maioria, o capitalismo não representa uma promessa ou sonho: é um pesadelo realizado (*Ibidem*, p. 54).

Ao que foi anteriormente exposto, deve ser compreendido como parte da enfermidade da arte-educação-ambiental, uma vez que nos pressupostos da educação ambiental, seres humanos, não humanos e natureza, são UNO. Assim, nos resta refletirmos ao praticado pelos seres humanos, que na sua vã filosofia capitalista, esqueceram que a vida humana, depende da vida selvagem e ambiental e de toda a sua complexidade biológica. Trata-se de uma realidade no tempo presente, em que estamos presenciando inúmeras pragas, pestes e pandemias no globo terrestre, como podemos observar no que nos contribui Settele (2020):

Desmatamento crescente, expansão descontrolada da agropecuária, cultivo e criação intensivos, mineração e aumento da infra-estrutura, assim como a exploração de espécies silvestres criaram uma ‘tempestade perfeita’ para o salto de doenças da vida selvagem para as pessoas (SETTELE, et al, 2020, n.p).

Essa “tempestade perfeita” de que trata Settele (2020), também atingiu o Complexo Sesmária Mata Cavallo, na perspectiva sociocultural, ambiental, educacional, econômica e política. Cercados por exploradores capitalistas da agricultura, da mineração, da exploração ambiental, da expropriação territorial, as comunidades em Mata Cavallo são atingidas cotidianamente, não tendo trégua, nem mesmo nesse momento pandêmico. Ao contrário, usam da enfermidade na saúde, para lhes provocarem outras tantas, como as agressões sociais e políticas, carregadas de injustiças ambientais.

Diante dessa sobrecarga de conflitos e enfrentamentos, a arte-educação-ambiental, também está enferma. Não somente pela ausência da tecnologia no acesso ao digital, junto à educação; sobretudo, pelas diversas agressões ao universo humano, dirigidas aos agentes sociais da comunidade quilombola. Tiram-lhes o prazer à vida, sobrecarregam-nos, propositalmente de conflitos outros, afetando em suas vidas comunitárias, a perda do pertencimento em seu sentido sociocultural. Enquanto educadores quilombolas, perdem até mesmo, o sentido do gosto pela beleza do gesto, sendo afetados por gestos silenciosos, vadios, carregados de hostilidades. “O gesto silencioso e medido, desencadeado por si só à

transformação de sentido de uma situação, representará, portanto, um caso notável do efeito estético, pelo menos como ele é aqui encarado” (GALARD, 1997, p. 51).

Sem a compreensão da existência do pertencimento humano, nesse momento pandêmico, torna-se difícil a construção de ações pedagógicas junto à arte, a educação e ao meio ambiente. Impossível a produção de um conhecimento qualitativo, num clima hostil, numa atmosfera enferma, num universo pandêmico. Nenhuma educação se sustenta sob os conflitos que ora presenciamos atingir os profissionais da educação, alunos, seus familiares e de toda a comunidade. A arte-educação-ambiental necessita de uma dimensão sociocultural e política, que traga aos seus praticantes, diálogos em ambientes saudáveis, físico e humanamente construídos, na sua totalidade e que a eles resguarde competente salubridade ambiental. Sem a presença desses elementos na vida humana, ambiental e profissional, impossível os seres humanos, envolvidos com a arte-educação-ambiental contribuir e praticar os pressupostos que nos apresenta Lopes (1993):

Somente os pressupostos da arte-educação: sensibilização; percepção enquanto consciência; ampliação do imaginário; expressão enquanto organização da linguagem; o homem enquanto sujeito do seu processo; a capacidade criadora e a criatividade como elementos de transformação podem reverter o quadro educacional brasileiro, e mais ainda, a qualidade de vida (LOPES, 1993, p. 17).

Nesse contexto, importante compreender o valor da arte-educação na vida humana, que sobressalta de pressupostos filosóficos na construção de práticas preponderantes junto à educação ambiental. Nelas, encontramos a força motriz nos postulados do currículo da educação quilombola, pois sabemos que, “se a educação não for ambiental, talvez nem seja educação” (BRASÍLIA, 2009, p. 17). E mais, é preciso também, ousarmos a “construir outros mundos” (ACOSTA, 2016), ambientalmente saudáveis, no interior da escola. Para tanto, a prática da arte-educação por meio das tecnologias em respectivo ambiente digital, pode ser um dos caminhos inteligente, para um salto das teorias às práticas pedagógicas, onde juntos, alunos e professores, possam desenvolver a capacidade crítica criadora. É sabido que a arte-educação tem consideráveis contribuições na vida integral do ser humano, enquanto transformação social. “Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente” (BARBOSA, 2008, p. 100).

A tarefa agora é buscar a força motriz da arte-educação-ambiental e inseri-la no interior da escola, praticando o aprender desaprendendo e, ao mesmo tempo, reaprender, como nos sugere Nina Pacari (2010). Reaprender com aqueles que se dialoga no cotidiano, nas rodas de

conversas, nos quitutes da tarde, nas tarefas domésticas. São eles, ao mesmo tempo e lugar, alunos, professores, filhos, irmãos, pais e mães de uma mesma família no território quilombola. E, nesse território quilombola, em cada vegetação fincada ao chão com a esperança da boa chuva, teremos terreno fértil para curar com as ervas do campo a arte-educação-ambiental, que curará a todos e a todas no Quilombo, o que poderá nos salvar das mazelas provocadas pela pandemia da Covid-19.

5 Considerações finais

Consideramos que os desafios, conflitos e a ausência de informações diante da Covid-19, contribuem com a complexa crise social, econômica e política pela qual passa o país. Estamos acompanhando há dois anos a extrema seca que toma conta do meio ambiente, desamparando a todos e a todas dos seus direitos humanos e de pertencimentos ao acesso à vida saudável. A crise climática, a injustiça ambiental e a devastação da natureza e de sua complexidade biológica estão se repetindo, ano a ano, com uma enorme sobrecarga quantitativa. Antes da pandemia os menos favorecidos, os marginalizados sociais e as famílias em situação de vulnerabilidade social já se faziam presentes nas estatísticas sociais e políticas, como vítimas da fome no país. Hoje, essa realidade encorpa as condições de total miséria, de extrema fome e pobreza. Embora, “as condições de miséria presentes na realidade brasileira têm raízes profundas na formação sócio-histórica do país e no processo de desenvolvimento capitalista que reforçou as desigualdades sociais” (SCHAPPO, 2021, p. 31).

Em face à Pandemia da Covid-19, todos os contingentes de miserabilidade social tem se agravado em escala insustentável, bem como, as crises atuais têm gerado conflitos nos mais diversos setores da produção capitalista no país, sendo estes conflitos, sobrepostos aos menos favorecidos.

A pandemia da Covid-19 emerge em um contexto em que três crises estruturais na relação entre as sociedades hegemônicas contemporâneas e o sistema Terra se reforçam recípro-camente, convergindo em direção a uma regressão econômica global. Estas três crises: a emergência climática, a aniquilação em curso da biodiversidade e o adoecimento coletivo dos organismos, intoxicados pela indústria química, geram impactos em diferentes países, tornan-do-os mais desiguais e mais vulneráveis. (SCHAPPO, 2021, p. 35)

Portanto, o que presenciamos no Complexo Sesmaria Mata Cavallo, no período pandêmico, não foge da realidade acima exposta, como podemos observar no depoimento de uma profissional da educação, da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda em Mata Cavallo:

Professora 2

Estamos vivendo um momento de grande seca na comunidade, que se revela como uma crise econômica local. Os produtores de Mata Cavallo reclamam que, com a seca, não tem como produzir com qualidade e quantidade para sobreviver. O preço alto da ração industrial, para criar animais, torna o valor final do produto também alto, dificultando a sua comercialização. Assim, a produção agrícola é pequena e, com a ausência da chuva, a produção tem baixa qualidade, servindo tão somente para a subsistência familiar, não tendo qualidade para chegar ao comércio local.

Diante do exposto, consideramos se tratar de uma crise complexa e generalizada sociocultural, ambiental, econômica e politicamente, atingindo com significativa ausência material, de reflexão intelectual e de informação à educação. Em específico, a arte-educação-ambiental em seu estado de enfermidade diante de tantas crises e conflitos, frente à Covid-19, esta reage como sendo talvez, uma mão estendida a mitigar as mazelas que afetam os profissionais da educação, os educandos e respectivas famílias, nesse momento devastador. Mas, infelizmente, a ausência da tecnologia no acesso ao digital, tem marca quantitativa maior sobre a precariedade da educação, neste momento.

É bem verdade que as tecnologias contemporâneas já operam mudanças inesperadas em várias áreas do museu, da comunicação à restauração de obras, possibilitando o armazenamento de grande volume de informação e facilitando a difusão e transporte dessa informação. Acho até que, pelo menos no Brasil, a área menos beneficiada pelas tecnologias contemporâneas seja a educacional. Será que tem a ver com o horror à educação que a elite e pseudointelectuais cultivam em nosso país? (BARBOSA, 2008, p. 109).

Em meio ao surto pandêmico da Covid-19, ao longo de aproximadamente 24 meses, fomos aprendendo a aprender uma outra forma de viver, conviver, a nos proteger e também a nos isolarmos e não sabemos nada. As interrogações do presente buscam respostas para um breve futuro, se é que o final da pandemia será em breve. Seguimos com a voz dos que não sabem e sem a audiência esperada; ninguém a nos responder. Quem sabe a Covid-19 tenha nos dado a respiração necessária para valorizarmos: o estar em grupo; o abraço apertado; as visitas inesperadas; a ir ao mercado sem precedentes; a andar “desmascarados” pela cidade a olhar e receber o sol de cada dia. Esse mesmo sol que sempre nos vitaminou e nos imunizou,

mas disso, não sabíamos; aprendemos essa lição com a Pandemia. Pertinente lembrarmos também que a natureza sempre esteve de mãos dadas com todos nós; nós é que, tantas vezes, a ela não estendemos as mãos. São tantas as lições aprendidas e apreendidas com a dor, com as dores das perdas e com os sofrimentos de tantas ausências. Será que a pandemia está nos ensinando a reaprender a conjugar o verbo amar entre nós humanos e a natureza?

Referências

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária. Elefante, 2016.

ARAÚJO, Raisia Bela Gomes. **A pedagogia da escuta na Educação Infantil**. PET Pedagogia, UFBA, 2018.

BARBOSA, Ana Mae. (Org.) **Arte-educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. BRASIL.

GALARD, Jean. **A Beleza do Gesto: uma estética das condutas**. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Edusp, 1997.

G1 MT. **Quilombolas em MT pedem prioridade na vacinação contra a Covid-19**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/01/21/quilombolas-em-mt-pedem-prioridade-na-vacinacao-contra-a-covid-19.ghtml>. Acessado em: 16 set. 2021.

LOPES, Almerinda da Silva. **Arte e conhecimento: o ensino da arte e a formação do educador**. Anais. Vitória - ES, 1993.

NEEPES; ENSP; FIOCRUZ. **Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil** (2010). Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/mt-comunidade-quilombola-de-mata-cavalo-apesar-da-conquista-da-titulacao-ainda-expulsa-e-sob-ameacas/>. Acessado em 16 set. 2021.

PACARI, Nina. “Prólogo”, em SOUZA SANTOS, Boaventura. **Refundación Del Estado em América Latina – Perspectivas desde uma epistemologia del Sur**. Abya Yala. Quito, 2010.

PRADO, Clarina Alves do; MIGUEL, Marelencquelem. **A Proposta Pedagógica de Loris Malaguzzi: registros no cotidiano da educação infantil**. EDUCERE: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013.

Processo Formador em educação ambiental à distância: módulo 4: projeto ambiental escolar comunitário. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009.

SCHAPPO, Sirlândia. **Fome e insegurança alimentar em tempos de pandemia da Covid-19**. SER Social. ALIMENTAÇÃO, ABASTECIMENTO E CRISE. Brasília, v. 23, n. 48, janeiro a junho de 2021.

SETTELE, Josef, et al. **As medidas de estímulo da COVID-19 devem salvar vidas, proteger os meios de subsistência e salvaguardar a natureza para reduzir o risco de pandemias futuras.** IPBES Expert Guest. 27 April 2020. Disponível em: <https://ipbes.net/covid19stimulus>. Acessado em: 27 set. 2021.